



Transtorno opositor desafiador (tod) no contexto escolar: uma revisão da literatura

Oppositional defiant disorder (odd) in the school context: a review of the literature

Aguida Roberta da Silva Bezerra
Claudia de Sousa Mendes
José Hugo Gonçalves Magalhães
Alexsandro Medeiros do Nascimento
Antonio Roazzi

RESUMO

É necessário que a escola receba todos os alunos que procuram a instituição, ofertando uma educação de qualidade para esses alunos, promovendo oportunidades para o seu processo de aprendizagem, com isso é fundamental os professores mediar a aprendizagem de alunos com transtorno opositor desafiador, porque com as metodologias adequadas esse discente consegue desenvolver seus conhecimentos. Desse modo, é indispensável a relação família e escola para juntos contribuírem na sua formação. O objetivo deste estudo é analisar, na literatura, estratégias para a aprendizagem significativa de alunos com TOD. O trabalho busca refletir sobre esse transtorno no cotidiano escolar, identificar como a escola pode propiciar uma educação de qualidade, exemplificar como o professor pode mediar a aprendizagem desses alunos. O estudo vai abordar sobre o conceito de TOD, seus desafios e características para melhor entendimento do tema, destacando como o educando pode se desenvolver, ressaltando a importância de tratamentos adequados. Em seguida, como a escola deve oportunizar educação para esse estudante, mantendo sua permanência na instituição e sua inclusão, apresentaremos estratégias que contribuem no seu processo de formação e como o professor pode mediar sua aula com pessoas com TOD. É uma pesquisa de revisão bibliográfica na qual os dados revelaram que com as estratégias adequadas crianças/adolescentes com TOD conseguem desenvolver sua aprendizagem. Assim, concluímos que as escolas precisam ser inclusivas e ofertarem educação a todos que fazem parte do âmbito escolar, respeitando as diversidades e propiciando conhecimentos de acordo com as necessidades de cada aluno.

Palavras-chave: Escola; Inclusão; Transtorno opositor desafiador.

ABSTRACT

The school must receive all students who seek the institution, so it needs to offer quality education to these students, promoting opportunities for their learning process. With this, teachers need to mediate the learning of students with oppositional defiant disorder because, with the appropriate methodologies, these students can develop their knowledge. In this way, the relationship between family and school is essential for their formation. This study aims to analyze the literature strategies for the meaningful learning of students with ODD. The work seeks to reflect on this disorder in the school routine, identify how the school can provide a quality education, and exemplify how the teacher can mediate these students' learning. The study will address the concept of ODD, its challenges, and its characteristics to understand the subject better. It will highlight how the student can develop, emphasizing the importance of adequate treatments and how the school should provide education for this student, maintaining their permanence in the institution and its inclusion. We will present strategies contributing to their training process and how the teacher can mediate his class with people with ODD. It is a bibliographic review research, and the data revealed that with the appropriate strategies, children/adolescents with TOD can develop their learning, so we conclude that schools need to be inclusive and offer education to all who are part of the school environment, respecting the diversities and providing knowledge according to the needs of each student.

Keywords: Inclusion; Oppositional defiant disorder; School.



1 INTRODUÇÃO

Para o desenvolvimento pleno da criança é importante um ambiente favorável. Desde a gestação, o bebê deve receber estímulos adequados para cada fase. O meio em que vive deve ser de ensinamento constante, pois a infância é a fase mais favorável para o aprendizado, estimular em todos os aspectos, emocional, cognitivo, social e físico, e entender que cada criança tem seu tempo, aprende e se desenvolve da sua maneira. Dessa forma crianças/adolescentes com TOD também precisam de estímulos para o seu processo de aprendizagem, porque o lugar que está inserido pode beneficiar positivamente ou não, é pertinente que sejam trabalhados os seus comportamentos para não comprometer sua vida social e acadêmica, sendo que, quando os professores não proporcionam intervenções necessárias o seu desenvolvimento educacional pode ser comprometido. Carvalho, Junior,

Oliveira e Alencar (2021, p. 3) apresentam que

o sistema educacional hoje requer uma escola capaz de pôr em prática um currículo eficaz e de relevância que faça com que o processo de ensino-aprendizagem aconteça de fato, inclusive, que possua uma proposta político pedagógica fundamentada em uma pedagogia crítica que fomente os educandos a pensarem de forma crítica a realidade social, histórica e política na qual estão inseridos [...].

Percebe-se a importância das escolas se prepararem para receber os alunos, e oferecer uma educação de qualidade, sendo capaz de adequar as metodologias para cada peculiaridade de cada educando. É preciso uma instituição que aceite as diferenças, fazendo com que todos sejam incluídos. De acordo com Ceron-Litvoc *et al.*, (2014) comportamentos de agressividade que evidenciam irritabilidade e oposição são comuns na infância e adolescência, que é uma fase em que o indivíduo está se reconhecendo e aprendendo a lidar com suas emoções, e o meio em que está inserido vai influenciar diretamente, principalmente na infância, que a criança age por meio da imitação, tudo o que ver, aprende e reproduz. O comportamento na interação social é uma resposta das influências que o indivíduo está suscetível, para Ceron- Litvoc *et al.*, (2014, p. 179) “[...] como a maioria dos transtornos psiquiátricos, têm múltiplos fatores de riscos ambientais



e genéticos, que interagem entre si e promovem o início, o agravamento ou a manutenção dos sintomas”. Alguns dos fatores de risco para o desenvolvimento de TOD são os individuais, os externos ao ambiente familiar e aos familiares.

Diante das pesquisas realizadas, foi encontrado um material escasso. São alguns trabalhos que trazem intervenções e estratégias para melhorar a aprendizagem do sujeito acometido pelo transtorno oppositor desafiador, partimos desse motivo para realizar esta pesquisa, logo é um tema pertinente e que está presente no cotidiano escolar, pois, é um tema pouco abordado, inclusive na formação de professores, mas com experiências em estágio, vivências, e a prática na área é perceptível a existência deste transtorno nas escolas.

A formação de qualidade de um profissional deve ir além da universidade, deve-se ter uma formação continuada, o educador deve buscar meios de conhecimentos a todo o momento, aprimorar sua metodologia a cada turma, a cada aluno. É importante ter um olhar atento, sensível e acolhedor, pois, cada ser humano é único e se desenvolve no seu tempo.

Portanto, buscamos responder ao objetivo deste estudo que é refletir sobre o transtorno oppositor desafiador no cotidiano escolar. O trabalho busca analisar na literatura estratégias para a aprendizagem significativa de alunos com TOD, identificar como a escola pode propiciar uma educação de qualidade, e exemplificar como o professor pode mediar a aprendizagem desses alunos. A problemática para servir de base é: Quais estratégias utilizar para a aprendizagem do aluno com TOD? Para melhor compreensão dos educadores sobre esse comportamento, para que assim possam fazer um trabalho que alcance um resultado efetivo na aprendizagem desses alunos, causando transformações no comportamento, para quemantenha um bom relacionamento com todos os que convivem.

O trabalho tem uma estrutura embasada em pesquisas já existentes; é uma revisão bibliográfica. A primeira abordagem será o conceito, trazemos características e desafios, para melhor compreensão do tema. Também será explanado sobre o tratamento e acompanhamento necessário no contexto familiar, psíquico e escolar, esclarecendo formas de controlar o transtorno. Logo após, apresentaremos estratégias para a mediação do processo de ensino- aprendizagem, quais as melhores técnicas, metodologias para uma aprendizagem significativa dos alunos. Em seguida, versaremos sobre o papel do



professor, discorrendo sobre como o educador deve mediar o conhecimento de seus alunos e facilitar o processo de aprendizado.

2 METODOLOGIA

Segundo Severino (2007, p. 122), a pesquisa bibliográfica é realizada a partir do [...] registro disponível, decorrente de pesquisas anteriores, em documentos impressos, como livros, artigos, teses etc. Utilizam-se dados de categorias teóricas já trabalhadas por outros pesquisadores e devidamente registrados. Os textos tornam-se fontes dos temas a serem pesquisados. O pesquisador trabalha a partir de contribuições dos autores dos estudos analíticos constantes dos textos.

Ao decidir por fazer uma pesquisa bibliográfica, é preciso analisar as datas em que se pretende fazer a busca, os meios/fontes de pesquisa, bases confiáveis, ou seja, delimitar o objetivo geral dessa pesquisa para conseguir acessar bons trabalhos. Para Gil (2002) a pesquisa bibliográfica é indispensável, pois permite ao pesquisador uma gama de conhecimentos. A partir dessas pesquisas já realizadas tem-se uma noção mais ampla sobre o tema. É possível conhecer diversas realidades educacionais, podendo compreender e aprender mais sobre determinada temática, por isso a importância da pesquisa bibliográfica, pois às vezes não há a possibilidade de realizar outro tipo de pesquisa, e ela consegue suprir a realização do trabalho.

A pesquisa foi realizada com artigos científicos, trabalhos de conclusão de curso, livros, buscando possíveis respostas sobre como melhorar a aprendizagem das crianças com TOD, como agir profissionalmente com o sujeito acometido pelo transtorno, observar o que os estudos abordam sobre a importância das escolas incluírem todos que fazem parte da instituição, proporcionando aos professores formação continuada para trabalhar com esses alunos, como o professor deve encarar esse aluno em sala de aula, ter informações sobre TOD.

É essencial para desenvolver metodologias para ajudar no seu desenvolvimento e incluir na sala de aula, como a relação família x escola pode ajudar no desenvolvimento



da criança/adolescente com TOD. Foi pesquisado a partir das bibliotecas virtuais como Periódicos CAPES, Scielo e Google acadêmico, com revisão dos textos publicados nos últimos 10 anos, sendo os pares de descritores: Transtorno Opositor Desafiador e Escola, TOD e Educação Básica; TOD e Educação Infantil; TOD e Educação Brasileira.

Como critério de inclusão, adotar a inclusão de estudos selecionados com a temática abordada neste trabalho, como artigos e trabalhos práticos, as literaturas disponíveis do período de 2012 a 2022. Para os critérios de exclusão, o presente trabalho visa excluir todos os artigos encontrados em língua estrangeira, ou que não tragam no resumo do trabalho os objetivos elencados aqui. Foram encontrados 42 textos, sendo 15 selecionados para a esta revisão bibliográfica.

3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

As subseções a seguir trazem aspectos esclarecedores acerca do Transtorno Opositor Desafiador, visando explicar conceitos, características e desafios do sujeito acometido pelo TOD, como funciona o controle desse comportamento, que vai desde tratamentos medicamentosos a terapias, como lidar no ambiente escolar, o direito que o aluno tem a inclusão e como garantir sua aprendizagem, a importância do professor nesse processo, e também em busca de meios para mediar o ensino-aprendizagem, como utilizar metodologias, recursos para uma aprendizagem significativa. Percebe-se o quanto é importante que o acompanhamento do desenvolvimento do aluno com TOD seja com profissionais específicos que somem para um tratamento preciso e eficaz.

3.1 O TOD: CONCEITOS, CARACTERÍSTICAS, DESAFIOS

Para discorrer sobre o TOD nos fundamentamos no DSM-5, porque são poucas pesquisas sobre o tema, é preciso que os professores estejam atentos a características específicas como também a família, pois com o desconhecimento do TOD esse indivíduo pode ser visto apenas com um mau comportamento de desobediência, que é muito comum na infância, mas havendo a insistência dessa conduta deve ser acompanhada por um profissional. A criança ou adolescente vai se deparar com vários conflitos, dependendo do ambiente que ele está inserido pode ser reforçador ou não para seus comportamentos. O DSM-5 (2014, p. 462) classifica o TOD como parte de um grupo de



transtorno de conduta, disruptivos e de controle de impulsos, é definido como: “Um padrão de humor raivoso/irritável, de comportamento questionador/desafiante ou índole vingativa com duração de pelo menos seis meses [...]” O TOD é um comportamento disruptivo, atinge em média 6% das crianças e dos adolescentes, sendo a maioria crianças de 6 a 8 anos de idade.

O ambiente familiar é o primeiro contato social da criança, portanto pode contribuir tanto de maneira positiva como negativa. É importante o olhar atencioso para que favoreça positivamente no seu processo. O TOD quando não diagnosticado é visto como aquele com mau comportamento, por isso a necessidade do diagnóstico para que o professor consiga adaptar metodologias adequadas para o avanço desse aluno. Segundo o DSM-5 (2014, p. 464) “a prevalência do transtorno de oposição desafiante varia de 1 a 11%, com uma prevalência média estimada de 3,3%”. É preciso ter conhecimento sobre tudo que engloba o TOD, o DSM-5 (2014, p. 464) discorre sobre os níveis, “leve: os sintomas limitam-se apenas um ambiente (p. ex., em casa, na escola, no trabalho, com os colegas); moderada: alguns sintomas estão presentes em pelo menos dois ambientes; grave: alguns sintomas estão presentes em três ou mais ambientes”.

O transtorno apresenta condutas negativas, com isso é importante o olhar empático que os profissionais do âmbito escolar tenham, pois, aqueles alunos que apresentam essas características podem estar além do que aparenta ser como apenas indisciplinados. O DSM-5 apresenta o comportamento de alunos com TOD “questiona figuras de autoridade ou, no caso de crianças e adolescentes, adultos; [...] desafia ou se recusa a obedecer a regras ou pedidos de figuras de autoridade; [...] (2014, p. 462)”. Por terem esses comportamentos isso acaba afetando sua vida pessoal e acadêmica, não lidam bem com os familiares, com o educador, até mesmo com seus colegas, por causa de não conseguirem controlar suas emoções, comportamentos.

Como aponta o DSM-5 (2014) em crianças menos de 5 anos as condutas devem acontecer durante seis meses e observar se é todos os dias, já em crianças com 5 anos ou mais tem que ocorrer no mínimo uma vez na semana também em seis meses. A relação entre família e escola é importante, porque isso pode permanecer só em casa ou na escola, desse modo se dos dois lados já tem uma ideia formada diante determinadas peculiaridades estar atento a esses detalhes é de suma importância. Segundo o DSM-5 (2014), quando o



transtorno de oposição desafiante é persistente ao longo do desenvolvimento, os indivíduos com o transtorno vivenciam conflitos frequentes com pais, professores, supervisores, pares e parceiros românticos. É fundamental que os educadores estejam atentos a essas características para que essas pessoas tenham um diagnóstico. Para Cortês (2021), essas características devem ser analisadas para chegar a uma conclusão, para serem encaminhados para os profissionais que atendem crianças com transtorno opoissor desafiador para trabalharem com eles para desenvolver suas habilidades.

O ambiente que a pessoa está inserida pode contribuir negativamente ou não para as suas condutas. Nessa perspectiva, a família é importante no desenvolvimento dos seus filhos, caso práticas agressivas estejam presentes no seu cotidiano, podem desencadear esses comportamentos inadequados. Com isso, a presença de afeto pode contribuir positivamente, porque se na criação somente presenciaram agressões, isto vai refletir até o ambiente escolar, vão assimilar que pode agir da mesma forma. Moura e Medina (2022) apontam que o treinamento parental é eficaz no tratamento desse transtorno. Essas pessoas tendem a ser teimosas e desobedientes.

É comum na fase escolar serem taxados de indisciplinados levando a uma punição, porém diante essas características é preciso que os profissionais do âmbito escolar investiguem. Portanto, é relevante a aceitação da parte dos pais para buscar tratamentos, para que seu filho evolua, porque é comum que a família não aceite que o seu filho tenha algum transtorno. Nesta perspectiva, Moura e Medina (2022), citam o treinamento parental, que ajuda os pais diante aos comportamentos de seus filhos.

De acordo com o DSM-5 (2014), o transtorno desafiador prevalece em famílias com práticas agressivas, inconsistentes e negligentes durante a criação dos filhos. Retornamos à importância do afeto com eles já que são marcados por terem humor raivoso, por perder a calma, incomodar os outros, e acabam culpando os demais por suas atitudes. De acordo com essas características é fundamental o coordenador junto com o professor marcarem uma reunião com os pais para saber como é o comportamento em casa, para procurar ajuda de um profissional com o intuito de manterem um elo e, desta forma, para propiciar uma educação de qualidade.

O DSM-5 (2014) aborda que os sintomas fazem parte sempre do processo de terem problemas com outras pessoas, no entanto esse discente não pode ser taxado de



“aluno- problema”, porque cada um tem suas individualidades e, todos devem ser incluídos. Para Côrtes (2020) se os sintomas forem consistentes podem acarretar problemas futuramente, e podem desenvolver comportamento antissocial, problemas de controle de impulsos, abuso de substâncias, ansiedade e depressão. Há, portanto, a necessidade do diagnóstico dessas crianças/adolescentes que têm o transtorno oppositor desafiador com intuito de ter uma conclusão na infância.

Para o diagnóstico diferencial, segundo o DSM-5 (2014) é preciso fazer comparação com outros transtornos, como transtorno de conduta que envolve agressões, já no TOD envolve problemas emocionais, transtorno de déficit de atenção/hiperatividade. Geralmente, é comórbido com o TOD, porém como diferencial para o TDAH costuma ser impulsividade, falta de atenção; para o transtorno depressivo e bipolar, que aborda irritabilidade, se a criança/adolescente apresenta problemas com transtorno de humor não é necessário fazer o diagnóstico de TOD. O transtorno disruptivo da desregulação do humor abarca humor negativo crônico e explosões de raiva, que é mais grave. Transtorno explosivo intermitente apresenta altas taxas de raiva e agressão, já no TOD essa característica não faz parte; a deficiência intelectual, o diagnóstico de TOD só é realizado se o comportamento for maior que indivíduos de níveis de idade mental; para o transtorno de linguagem, o TOD é diferenciado da incapacidade de seguir orientações da fala; e, no transtorno de ansiedade social (fobia social) o TOD também deve ser diferenciado por recusar ser avaliado negativamente.

Moura e Medina (2022) apontam que a terapia cognitiva comportamental ajuda as crianças em suas atitudes, emoções e pensamentos a se apresentarem mais funcionais, e ainda afirmam que a terapeuta pode auxiliar os pais com as dificuldades, visando a melhoria na relação pais e filho. Nós, seres humanos, desde o nascimento precisamos conviver com o outro. Utzig et al. (2022) mostram o quanto as intervenções psicossociais nas relações com a escola-família melhoram as questões comportamentais, criar estratégias com o objetivo de melhorar as relações sociais.

Um ambiente familiar conturbado, sem harmonia, sem afeto, que pune severamente a desobediência de uma criança ou adolescente pode servir como reforçador para os maus comportamentos, refletindo até a escola. A instituição necessita propor mudanças eficazes para que a família reforce esses métodos em seus lares. O trabalho em



conjunto é essencial, pois como aponta o DSM-5 (2014) esses comportamentos podem aumentar no período pré- escolar e na adolescência. Os tratamentos são para controlar e poder viver uma vida saudável.

3.2 TRATAMENTO E ACOMPANHAMENTO NECESSÁRIO: CONTEXTO FAMILIAR, PSÍQUICO E ESCOLAR

É comum que as crianças até mais ou menos no início da adolescência questionem as regras ou até mesmo não as sigam, mas é esperado que mudem essa conduta, após uma conversa seja em casa ou na escola, assim há a adaptação ou mudança de tal comportamento. No entanto, algumas crianças continuam desafiando a figura de autoridade, percebe-se que o problema é além de uma birra, pois pode gerar prejuízos futuros.

Para um diagnóstico, é necessário a avaliação de um profissional especialista em saúde mental. Existem três formas de tratamento: a medicação vai melhorar a autorregulação de humor frente às frustrações, a psicoterapia deve focar em mudanças comportamentais na família, com medidas de domínio educacional em geral, o suporte escolar oferece reforço e apoio para um melhor engajamento do aluno às regras.

Apesar de não existir cura, mas um controle desse transtorno, um bom acompanhamento vai melhorar a forma de lidar com determinados comportamentos. Tanto a família quanto a escola podem ter um papel importante e, principalmente em conjunto. Em algumas situações, somente na escola o comportamento pode ser percebido mais facilmente, então a escola pode encaminhar a profissionais que irão diagnosticar e assim tomarem medidas para um possível tratamento. Apesar de não haver um tratamento específico, mas se pode associar individualmente. Sobre essas medidas, Teixeira (2014) cita: Tratamento medicamentoso, Antipsicóticos ou Neurolépticos, Estabilizadores do humor, Psicoestimulantes, antidepressivos, inibidores seletivos da recaptção de serotonina, Tratamento Psicossocial, Psicoterapia cognitivo comportamental, Terapia Familiar, Psicoeducação Familiar, Treinamento dos pais, Psicoeducação Escolar, Intervenções Escolares.

Além desses tratamentos medicamentosos e psicológicos, desde sempre é essencial o acompanhamento na escola, o aluno com TOD não tem direito a ser assistido por um



profissional especializado, mas dependendo da instituição, se for possível ter uma auxiliar na classe será de grande valia, pois vai ajudar na demanda mais individualizada do aluno. Essa profissional vai estar à disposição para tarefas mais minuciosas, estar ali no dia-a-dia daquele aluno, não excluindo o papel do professor, quando se sabe das dificuldades com a sala cheia. É um trabalho em conjunto, família e escola (professor, psicopedagogo, orientador e coordenador educacional), associando questões educacionais, sociais, psicoterapêuticas e medicação.

Cáceres e Santos (2018) ressaltam que os seres humanos precisam compartilhar momentos com os outros, as relações sociais fazem parte de nós. Com isso, a escola deve ter conhecimento sobre tudo o que englobe a educação inclusiva, para que consiga enfrentar de forma adequada esse tipo de transtorno, porque um indivíduo com TOD pode afetar toda uma turma.

Teixeira (2014) discorre que essas crianças desobedecem e desafiam a autoridade de professores e funcionários da escola, por ter comportamentos agressivos e acabam também brigando com seus colegas de sala, pois são comportamentos que se não atendidos de forma coerente, podem contribuir para um baixo rendimento escolar. Segundo Cáceres e Santos (2018, p. 677), o indivíduo com esse transtorno possui características como não obedecer às regras, ser hostil, perder a paciência com frequência e, facilmente, discutir com adultos ou figuras que representem autoridade, ter aborrecimento fácil, raiva e irritação extremas.

Dessa forma, percebe-se a necessidade da relação família-escola desde cedo, o educador deve ter um contato com a família, pode fazer uma entrevista, a fim de obter informações sobre como é o comportamento em casa, pois deve haver uma coerência aos limites, exigências para com a criança nos dois âmbitos. Cáceres e Santos (2018) apoia a parceria família x escola para que sejam trabalhadas as dificuldades na aprendizagem desse aluno e para desenvolver suas habilidades, com conhecimento e acompanhamento adequado, há um controle e os efeitos diminuem.

Segundo Teixeira (2014), os sintomas aparecem em vários ambientes, mas é na sala de aula e em casa que estes podem ser mais observados. Tais sintomas devem causar prejuízo significativo na vida social, acadêmica e ocupacional da criança. A fase escolar é vivenciada com relações muito importantes, são criados laços com colegas e professores,



que ajudarão na formação pessoal do indivíduo, e na questão de aprendizagem significativa, o professor vai auxiliar nesse novo mundo de descobertas e conhecimento. Como na maioria das vezes é na escola que os transtornos são diagnosticados, como o Transtorno Opositor Desafiador, comportamentos, tais como: desobediência, agressividade, violação de regras, irão se sobressair nesse ambiente, é necessário que esses transtornos sejam descobertos para adaptar as metodologias de acordo com as singularidades de cada aluno, porque isso vai contribuir fazendo com que seu desenvolvimento seja significativo.

Cáceres e Santos (2018) dizem que a escola precisa está preparada para receber o aluno, ela precisa ser de fato inclusiva e trabalhar no sentido de oferecer o melhor ao aluno, pois a partir do momento que não se adapta às necessidades do aluno, ela não está sendo inclusiva. Partindo da pesquisa que está sendo desenvolvida é importante que a escola tenha conhecimentos do transtorno opositor desafiador, para ajudar nas necessidades do alunofazendo com que sua aprendizagem seja significativa. Martins e Bandeira (2021) discutem que um elemento fundamental é criar um ambiente confortável e propiciar aprendizagem de qualidade, portanto, a escola precisa atender às necessidades de todos os alunos, quando isso não acontece as demandas podem causar prejuízo no futuro.

O aluno com TOD pode ter seu rendimento escolar afetado por causa do seu comportamento, a escola deve traçar métodos para que isso não aconteça. Cáceres e Santos (2018) ressaltam que criando estratégias que sejam positivas, contribuem para o aluno com TOD em sala de aula com vistas a melhorar a capacidade de atenção e facilitar a aprendizagem, por isso o ideal é que a escola e família caminhem juntas para o tratamento adequados dessas crianças e adolescentes. Portanto, é necessário que a instituição se adapte para receber a todos, que estejam sempre em busca de melhorias para atender às necessidades daqueles que precisam, sem permitir que o aluno seja excluído de algo, só assim a escola de fato será um lugar para todos.

Na sala de aula, o aluno com o TOD não consegue desenvolver seus conhecimentos na mesma proporção que os outros, porque tende a ser dispersos, desobedientes. Deve-se trabalhar com atividades que prendam a sua atenção para contribuir também a sua interação com os outros, pois os conflitos com os demais são comuns, porque com frequência se irritamfácil.



É necessário que esses transtornos sejam descobertos para adaptar as metodologias de acordo com as singularidades de cada aluno, como o que está sendo pauta nesta pesquisa o transtorno opositor desafiante, porque isso vai contribuir, fazendo com que seu desenvolvimento seja significativo, para que sejam evitados casos dos discentes serem punidos durante sua vida acadêmica e para que essas pessoas consigam ter uma boa convivência escolar, pois os tratamentos corretos podem ajudá-los.

3.3 ESTRATÉGIAS PARA A MEDIAÇÃO DO PROCESSO DE ENSINO-APRENDIZAGEM DO ALUNO COM TOD

Inicialmente, além de lidar com questões metodológicas de ensino, é importante a recepção a esse aluno, colocá-lo em um lugar que não se distraia facilmente, como na primeira carteira da fila, tende a ficar mais atento a aula e não conversar. Em algum momento, o professor pode ser desafiado, pois é um adulto e um líder, deve-se evitar discutir, forçar ou obrigar a realização de atividades, dessa forma instigará um mau comportamento desse aluno. O professor deve atender esse aluno calmamente, buscar uma relação harmônica e de confiança, deve ser firme, claro e objetivo ao estabelecer as regras, para Alvarenga (2021) os professores devem criar metodologias que sejam inovadoras e significativas para a aprendizagem.

Já com o diagnóstico feito, seguindo o acompanhamento necessário, a escola vem a contribuir na formação integral desse cidadão, pois deve receber o aluno e proporcionar sua evolução, tem o dever de aceitar todos que procuram a instituição, independentemente de sua condição física, intelectual entre outras. Cabe a instituição se adaptar às necessidades do aluno. Portanto, os docentes devem estar preparados para acolher esses alunos, sendo necessário que busquem aprendizados para saberem como prosseguir os estudos com essas crianças, conhecendo suas particularidades para esse processo de inclusão.

O professor deve conhecer o aluno, ver os pontos positivos, e observar o que tem que ser trabalhado, para o avanço do seu aprendizado por meio de recursos pedagógicos, aplicando metodologias diversificadas. A escola deve oportunizar condições de conforto, sabersignificativo, desenvolvimento de habilidades, e superação de dificuldades em geral, família e escola são responsáveis pela formação continuada de cada indivíduo.



Em todos os trabalhos revisados, foi citada a criação de estratégias pedagógicas lúdicas, planejar com objetivo de motivar o aluno, já que para ele é muito difícil se interessar pelas aulas. Silva (2019) afirma que a tecnologia sendo trabalhada de maneira adequada, proporciona uma aprendizagem significativa. É evidente o grande desafio enfrentado pelo professor, por ser um trabalho bem individualizado, para que entenda e acolha a dificuldade de cada aluno. É necessário criar um vínculo de confiança e afetividade, estabelecer rotinas, ser firme ao impor as regras, ser claro sobre as consequências e, muitas vezes, utilizar de recompensas positivas.

No ambiente escolar, os educadores com frequência se deparam com crianças e/ou adolescentes com algum transtorno, com isso o professor deve estar em busca de novas formações educacionais que englobem a educação inclusiva, portanto toda escola deve inovar o ambiente físico e educacional para atender a todos, cada aluno deve ser visto como ser único. Para Silva (2019), os educadores devem estar preparados e adequar as metodologias, para promover a inclusão. As escolas demandam se inovarem e utilizar as tecnologias como recursos para os professores utilizarem nas suas aulas. Segundo Silva (2019), o uso das tecnologias é uma forma de inovar a prática pedagógica e incluir as pessoas com transtorno.

No trabalho de Alvarenga (2021), a pesquisadora afirma que deu início as aulas de reforço de uma forma mais tradicional, e percebeu que não estava dando certo, a aluna se distraía com facilidade, então ao perceber as dificuldades dela, decidiu se aprofundar nos estudos sobre transtornos, consequentemente sobre o TOD, e percebeu que poderia usar a tecnologia a seu favor. Assim, a pesquisadora utilizou um software educativo de geometria, como recurso metodológico. Com esse trabalho, foi perceptível a necessidade de diversificar a metodologia para atingir determinados alunos. Verificou-se de que forma o referido software auxiliou na aprendizagem dessa aluna relativa aos conceitos de geometria, bem como influenciou no seu comportamento pertinente à atenção e ao interesse no decorrer da aula, concluiu Alvarenga (2021).

Também com um trabalho na área de matemática, Silva (2019) percebeu que o seu aluno não correspondia às atividades tradicionais da sala de aula, por isso sentiu a necessidade em buscar alternativas para favorecer o aprendizado. Utilizou de recurso tecnológico, a plataforma *dragon learn*, não se exclui a sala de aula regular, as questões



de currículo e socialização, mas agrega metodologias diferenciadas para reforçar o conteúdo. Silva (2019) destaca que os docentes observaram sua evolução, no entanto não conseguiam fazer as atividades no caderno [...]. Com isso, surge a importância do segundo Docente Especialista, acompanhando e auxiliando nas atividades dentro e fora da sala de aula.

Nesses dois casos apresentados, podem-se observar que o transtorno vai além do comportamento, pois muitas vezes acaba afetando o cognitivo também, assim como pode desenvolver o TDAH, pois interfere na concentração, aprendizagem. Algumas vezes, o aluno não se interessa em atividades monótonas e, simplesmente, desiste de realizar, com isso vai gerando uma falta de interesse nas aulas. Por isso, a importância de determinadas metodologias praticadas por educadores, utilização de recursos tecnológicos, métodos lúdicos, e outros. Silva (2019) afirma que a tecnologia como aliada nas aulas é indispensável, porque desperta a curiosidade dessas crianças e as aulas não se tornam monótonas.

Na pesquisa-ação de Araújo e Araújo (2017), direcionada para a disciplina de Educação Física, traz a tentativa de aproximação do professor com o aluno que não participava das suas aulas, uma conversa informal buscando saber o motivo pelo qual ele não frequentava as aulas. O garoto explicou que seria por implicância dos colegas, mas também porque nos jogos há regras e devem ser em grupo e o aluno com TOD têm essas dificuldades. Foi feita uma pesquisa para descobrir as preferências dos alunos, sejam jogos esportivos, desportivos, eletrônicos, ou brinquedos, por isso ocorreu todo um planejamento a partir das conclusões do professor para que pudesse trazer esse aluno para sua aula. O professor realizou uma proposta pedagógica a fim de ganhar a participação desse aluno, mas também pensando na turma, foi decidido trabalhar com brinquedos, o professor sugeriu a confecção de brinquedos com materiais reciclados. Segundo Araújo e Araújo (2017, p. 203)

as metodologias diferenciadas que proporcionam o aprendizado de todos os alunos, ampliam também, o trabalho pedagógico com a criança com TOD, pois possibilitará caminhos e estratégias para atender às necessidades da criança com esse diagnóstico, principalmente em relação ao ensino aprendizagem, na interação com seus pares, que é uma das suas maiores dificuldades.



Com isso, o professor instigou seus alunos a usar a imaginação, propiciou o envolvimento de todos, e a união dos alunos na confecção e no momento do brincar. Os alunos tiveram uma maior interação, incluindo o aluno com TOD, que quis se relacionar com seus colegas a partir dos brinquedos. Essa atividade foi importante para que esse aluno tivesse um bom relacionamento nessa turma e conseguisse participar da aula efetivamente. A partir daí, o professor seguiu com seu planejamento em outras atividades em que esse aluno já conseguia participar, mesmo que de forma tímida, pois é um processo que deve ser respeitado passo a passo.

3.4 PAPEL DO PROFESSOR

É importante que o professor saiba lidar com o aluno com TOD; porém, às vezes, o educador acaba se frustrando diante da situação, pois tem uma sala com vários alunos que pensam e agem de forma diferente. Mendes (2022) afirma que é um desafio para os pais e professores lidar com essas pessoas com o transtorno. Quando esse aluno não tem tratamentos adequados, é complicado para o professor lidar com essa criança em sala de aula porque os seus comportamentos acabam agitando os outros alunos e atrapalha o desempenho da turma, com isso é importante o educador ter conhecimentos sobre TOD.

Segundo Monteiro e Melo (2018), o professor encontra uma sala de aula com alunos que se comportam diferente, cada um com suas singularidades. Vale salientar que o professor precisa estabelecer um laço afetivo com a família e o discente no sentido de trabalharem juntos para favorecer na sua evolução.

É notório o conflito que o docente enfrenta perante criar metodologias que favoreçam essas crianças e adolescentes e saiba lidar com eles, por isso não deve cometer o erro de pensar que todos da turma aprendam ao mesmo tempo e com as mesmas metodologias. Monteiro e Melo (2018) fazem uma crítica, quando os professores que tomam atitudes que não são adequadas, retirando o seu aluno da sala diante suas desobediências, o que de acordo com a inclusão não é viável. É importante que o docente aceite as diferenças e faça com que aquele aluno que tem transtorno seja incluído, e mesmo em momento de conflito é inadequado retirá-lo de sala. Monteiro e Melo (2018, p. 3) destaca algumas características desse transtorno



o aluno que apresenta TOD caracteriza-se por ter dificuldade de estabelecer relações satisfatórias comunicativas, dificuldade de concentração, baixo índice de rendimento escolar, relação inadequada e conflituosa com o professor e com os colegas. Esses sintomas variam de acordo com a idade, maturidade e capacidade cognitiva.

O aluno com TOD apresenta uma relação inapropriada com o professor e com os colegas, e tende a não obedecer às regras. É com as observações do professor no cotidiano da sala de aula, que começa a investigação para saber se esse discente tem transtorno oppositor desafiador, porque com o diagnóstico é possível o professor traçar estratégias.

Nessa perspectiva Monteiro e Melo (2018), falam que é na sala de aula com as observações do professor que se pode identificar possíveis transtornos a partir de seus comportamentos. É necessário que o educador conheça os seus alunos que tenham esse transtorno, criar um laço afetivo com eles é crucial, porque diante dos conflitos é essencial que o professor tenha um olhar empático com essas pessoas. Araújo e Araújo (2017) discutem que é necessário estar atento quando a criança está se prejudicando por causa de seus comportamentos, criar metodologias que sejam adequadas é imprescindível e, procurar sempre despertar o interesse dela.

Com isso, adaptar as metodologias de acordo com a realidade da sala irá favorecer o ambiente escolar positivamente não só para essa criança/adolescente, mas também para toda a sala de aula. Monteiro e Melo (2018) abordam que é preciso que os educadores criem estratégias que estejam de acordo com as necessidades dos alunos com transtorno oppositor desafiador com objetivo de motivá-los. Portanto, o professor precisa ter conhecimentos sobre TOD, é fundamental conhecer o seu aluno e suas dificuldades para traçar estratégias que os favoreçam.

Nesse sentido Monteiro e Melo (2018), ressaltam que é essencial que o educador converse com os pais, para saber como os filhos agem em casa, o que fazem no tempo livre, para trabalharem juntos. Observar quais são as dificuldades, possibilita refletir como trabalhar sua aprendizagem. Para Mendes (2022), lidar com crianças com TOD é um desafio, por isso a importância de os professores estarem preparados, agindo com calma, deixando a criança se expressar, estando atento para não deixar machucar os colegas.

Araújo e Araújo (2017) abordam como estratégia pedagógica para alunos com



TOD trabalhar com confecção de brinquedos, pois ajuda no desenvolvimento da imaginação, contribuindo para a aprendizagem, propiciando sua inclusão com os demais da sala, enquanto o professor se aproximar desses alunos permite saber quais atividades mais gostam, portanto é primordial o educador se aproximar do seu aluno, passar-lhe confiança, para que durante suas crises consiga ajudá-los. Araújo e Araújo (2017) discutem que pensar em estratégias para trabalhar atividades não é uma tarefa fácil, porque envolve ter conhecimentos sobre inclusão escolar, porém é necessário.

Nessa perspectiva Mendes (2022), mostra que essas crianças têm dificuldades para se adaptar à metodologia de ensino, desse modo aceitar as diferenças e criar estratégias para mediar seus conhecimentos é essencial, uma vez que ninguém pensa, age da mesma forma, cada um tem suas particularidades. Mendes (2022) discorre que trabalhar com o lúdico pode ajudar no aprendizado, porque leva a criança a pensar, a lidar com determinadas situações, para refletir sobre sua forma de se comportar e ajudar na interação com os outros discentes. Monteiro e Melo (2018) apresentam que trabalhar com jogos e brincadeiras educativas estimula na maneira de agir dos educandos com TOD.

Santos, Silva e Alencar (2021) apontam que o professor tem papel imprescindível na construção de conhecimento desses alunos, se o estudante apresenta alguns pontos relevantes como desobediência, com facilidade perde a calma. Nesta concepção Araújo e Araújo (2017) apontam que costumam desafiar os professores a realizar as tarefas. Esses comportamentos inadequados para o ambiente em que estão inseridos, daí, ser importante que o educador e o coordenador conversem com os pais, para aprofundar as investigações, porque é comum simplesmente punirem essas crianças/adolescente e taxá-las como indisciplinados o que não é o correto.

Quando todos têm direito a educação, a escola deve se adaptar para atender às necessidades de todos. Para Mendes (2022), essas crianças tendem a ter mais dificuldade na aprendizagem que os outros alunos, adequando as metodologias vai favorecer na sua imaginação e criatividade, permitindo conhecer as dificuldades que essa criança tem e se torna conveniente para o professor. É nesse momento que pode desenvolver suas habilidades por meio de novas estratégias, estando atento se está sendo significativo para ele ou não. Neste sentido para Mendes (2022), faz-se necessário observar as dificuldades que a criança tem com o transtorno a fim de saber como mediar as aulas.



De acordo com Monteiro e Melo (2018), é necessário buscar despertar a curiosidade, pois o trabalhar com o brincar é fundamental e contribui no desenvolvimento físico, afetivo, intelectual e social; transformar a sala de aula um ambiente confortável, prazeroso é vital para o seu processo. Segundo Mendes (2022), o educador precisa saber os sintomas desse transtorno, se o diagnóstico precisa ser feito na infância para evitar que cause prejuízos na vida adulta. É na infância que a criança começa o processo de construção de identidade, pois é comum as crianças passarem por uma fase de rebeldia, porém com o tempo tendem a melhorar suas atitudes. Araújo e Araújo (2017) enfatizam que a escola e o professor têm conhecimentos sobre esse transtorno é imprescindível traçar estratégias que garantam a aprendizagem e inclusão do aluno.

É indispensável pensar em práticas pedagógicas que envolvam todos os membros da sala de aula, sendo que outro conflito dessas pessoas com TOD é ter uma relação com o outro. A união entre escola, professor e família deve existir para que juntos oportunizem educação, convívio social, proporcionando melhoria tanto para suas condutas como desenvolvimento do conhecimento. Araújo e Araújo (2017) ressaltam que enquanto professores é essencial apresentar propostas para esses alunos com TOD. Cada ser humano aprende no seu tempo, as metodologias que funcionam com alguns alunos podem não surtir o mesmo efeito com os demais.

Vale salientar que cada ser humano é único, com suas singularidades, com pensamentos, comportamentos. Assim a instituição deve ser inclusiva, proporcionar educação a todos se adaptando para cada especificidade. Com as informações apresentadas, ficou notório o papel que o professor tem para mediar o conhecimento desses alunos com TOD, portanto o educador deve sempre estar em evolução e em busca de novos conhecimentos que englobam a educação inclusiva.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com a pesquisa desenvolvida, percebe-se que a escola precisa oferecer educação de qualidade para seus alunos, pois cada ser humano é único. Neste sentido, é necessário se adaptar para acolher a todos que buscam a Instituição, oferecer um ambiente confortável e prazeroso. Nessa perspectiva, devem estar atentos sobre o que engloba a educação



inclusiva no intuito de contribuir positivamente no processo de aprendizagem dos alunos. Percebe-se a importância dos professores aperfeiçoarem seus conhecimentos, para no momento da aula fazer com que todos sejam incluídos, por isso é comum os educadores no cotidiano escolar se depararem com crianças com TOD, que por falta de conhecimentos sobre esse transtorno, os alunos são taxados de indisciplinados, portanto é necessário que passem por um diagnóstico para esse transtorno ser descoberto, para que as metodologias sejam adaptadas com o intuito de contribuir, porque com os tratamentos adequados é possível que haja evolução.

No decorrer do desenvolvimento desta investigação, foi observado o material escasso sobre o tema. No entanto, o objetivo desta pesquisa foi atingido, pois a partir dos estudos levantados, é notório que a escola e os professores, por meio do diagnóstico, têm possibilidade de ofertar educação para esses alunos.

Com o tratamento adequado, é possível controlar e tornar a sala de aula um momento prazeroso, instigando sua vontade de ir em busca de novos conhecimentos, pois os estudos nos apresentaram, de forma explícita, que adaptando as metodologias de modo que despertem a curiosidade dos alunos contribui positivamente na aprendizagem.

Esta pesquisa nos revelou que enquanto educadores é preciso aprimorar os conhecimentos, procurando evoluir profissionalmente, apontando a importância de realizar pesquisas sobre essa temática, uma vez que são poucos trabalhos encontrados, pois é imprescindível para nossa formação, enquanto futuras pedagogas.

REFERÊNCIAS

- AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION. **Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais: DSM-5** (recurso eletrônico). 5. ed. Porto Alegre: Artmed, 2014.
- ALVARENGA, Héli da Pereira Rodrigues de. **Transtorno Opositor Desafiador: uso do Software Poly para aprendizagem de conceitos Geométricos**, 2021, 47 p., TCC, Graduação em licenciatura em matemática, UNESP-Universidade Estadual Paulista, Guaratinguetá – SP. Disponível em: <https://repositorio.unesp.br/bitstream/handle/11449/215336/alvarenga_hpr_tcc_guara.pdf?se=6>. Acesso em: 11 de abr. de 2022.



ARAÚJO, Michell Pedruzzi Mendes. ARAÚJO, Fabiana Zanol. **A criança com transtorno opositivo desafiador nas aulas de educação física: pressupostos inclusivos**, Linguagens, Educação e Sociedade, Revista do Programa de Pós- Graduação em Educação da UFPI, Teresina, 2017. Disponível em: <<https://revistas.ufpi.br/index.php/lingedusoc/article/view/7583>>. Acesso em: 05 de set de 2022.

CÁCERES, Nilcéia Gonçalves. SANTOS, Nataniel Gomes dos. **Conhecendo o Transtorno Opositor Desafiador – TOD – e estabelecendo relações de aprendizagem escolar**. Revista Phiologus, Ano 24, nº 72, Rio de Janeiro, set./dez.2018. Disponível em: <<https://docplayer.com.br/141370034-Conhecendo-o-transtorno-opositivo-desafiador-tod-e-estabelecendo-relacoes-de-aprendizagem-escolar.html>>. Acesso em: 29 de ago de 2022.

CARVALHO, Aline dos Santos Moreira de. JUNIOR José Carlos Guimarães. OLIVEIRA, Marta Martins de. ALENCAR, Katia Regina Araújo de. **Compreender, Agir E Incluir Sob a ótica De Paulo Freire – Transtorno De Déficit De Atenção E Hiperatividade (TDAH) E Transtorno Opositivo Desafiador (TOD), Breve Análise Comparativa**. Research, Society and Development 10, no. 16. 2021. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.33448/rsd-v10i16.23305>>. Acesso em: 05 de set de 2022.

CERON-LITVOC, D., GUTT, E.K., ZUKAUSKAS, P., & POLANCZYK, G.V. (2014). Comportamentos disruptivos na escola. In: G.M. Estanislau & R.A. Bressan. **Saúde Mental na escola: o que os educadores devem saber**. (pp. 177-187). Porto Alegre: Artmed.

CORTÊS, Leila de Oliveira. **Transtorno Desafiador Opositor na Infância**. Revista Portuguesa de Ciências e Saúde V.2, nº1. Jan/Jul, 2020. Disponível em: <<https://revistas.editoraenterprising.net/index.php/rpi/article/view/332/525>>. Acesso em: 26 de ago de 2022.

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar Projetos de Pesquisa**. Editora Atlas, 4ª ed. São Paulo, 2002.

MARTINS, Tatiane Cristina. BANDEIRA, Jucimara de Barros. **A psicopedagogia no atendimento de crianças com Transtorno Opositivo Desafiador**. Caderno Intersaberes, Curitiba, v. 10, n 29, p. 163-179. 2021. Disponível em: <<https://www.cadernosuninter.com/index.php/intersaberes/article/view/1854>>. Acesso em: 29 de ago de 2022.

MENDES, Larissa Calixto. **Os desafios e práticas pedagógicas do professor em sala de aula com uma criança com transtorno opositivo desafiador**. Artigo, Revista Eventos Pedagógicos. Matemática e suas interfaces com o ensino, v. 13 n. 2. 2022. Disponível em: <<https://periodicos.unemat.br/index.php/rebs/index>>. Acesso em: 30 de ago de 2022.



- MONTEIRO, Fernanda Maria Sousa. MELO, Lilian Luzia Martins de. **Transtorno opositor desafiador e processo de ensino aprendizagem: um grande desafio.** Anais II CONBRALE. Campina Grande: Realize Editora, 2018. Disponível em: <<https://editorarealize.com.br/artigo/visualizar/43615>>. Acesso em: 11 de abr 2022.
- MOURA, Darlene Pinho Fernandes de. MEDINA, Maria Leciana Nunes Pinheiro. **Contribuições da Terapia Cognitivo-Comportamental no treinamento parental de crianças com Transtorno de Oposição Desafiante.** Rev. Bras. Psicoter: 91-105. 2022. Disponível em: < <https://pesquisa.bvsalud.org/porta1/resource/pt/biblio-1371659>>. Acesso em: 30 de ago de 2022.
- SANTOS, Barbara Thamirys do Amaral dos. SILVA, Jean Carlos de Freitas da. ALENCAR, Gildiney Penaves de. **Desafios e Práticas Inclusivas ao Aluno com Transtorno Opositor Desafiador na Educação Física Escolar: um Estudo de Revisão Integrativa.** Revista De Ensino, Educação E Ciências Humanas, v. 22, p. 433-439, 2021. Disponível em: <<https://revistaensinoeducacao.pgsskroton.com.br/article/view/9090>>. Acesso em: 30 de agode 2022.
- SEVERINO, Antonio Joaquim. **Metodologia do Trabalho Científico.** São Paulo: Cortez, 2007.
- SILVA, Emerson Nunes. **Ensinando Matemática, através da plataforma Dragon Learn, para o aluno do 6º ano com necessidades especiais, diagnosticado com Transtorno Opositivo Desafiador,** 2019, 31 p., TCC, Especialização em Mídias na Educação, UFSJ- Universidade Federal de São João Del-Rei, São João Del-Rei-MG. Disponível em: <http://dspace.nead.ufsj.edu.br/trabalhospublicos/bitstream/handle/123456789/302/TCC%20-%20Emerson.pdf?sequence=1&isAllowed=y>> Acesso em: 11 de abr. de 2022.
- TEIXEIRA, Gustavo. **O Reizinho da casa:** manual para pais de crianças positivas, desafiadoras e desobedientes. Rio de Janeiro: Best Seller. 2014.
- UTZIG, Silvia Mossi. CASTRO, Carine Jardim de. DIAS, Mara Aparecida de MirandaBatista. BALK, Rodrigo de Souza. **Estratégias educacionais para promover a interação social de crianças com transtorno opositor desafiador (tod) no âmbito escolar: uma revisão integrativa de literatura.** Revista Inter-Ação 47, no. 1 (2022). Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.5216/ia.v47i1.71370>> Acesso em: 29 de ago de 2022.



Autoria:

Aguida Roberta da Silva Bezerra

Graduada em Pedagogia pela Universidade de Pernambuco – UPE *Campus* Petrolina – PE.

E-mail: aguida.bezerra@upe.br

Claudia de Sousa Mendes

Graduada em Pedagogia pela Universidade de Pernambuco – UPE *Campus* Petrolina – PE.

E-mail: claudia.mendes@upe.br

José Hugo Gonçalves Magalhães

Doutor em Psicologia Cognitiva pela Universidade Federal de Pernambuco (UFPE). É professor auxiliar da Universidade de Pernambuco (UPE) *Campus* Petrolina – PE – Brasil.

E-mail: josehugo.magalhaes@upe.br

Alexsandro Medeiros do Nascimento

Doutor, Departamento de Psicologia – Universidade Federal de Pernambuco (UFPE) – Coordenador do Laboratório de Estudos de Autoconsciência, Consciência, Cognição de Alta Ordem e Self (LACCOS)

E-mail: alexsandro.mnascimento@ufpe.br

<http://orcid.org/0000-0002-9981-8384>

Antonio Roazzi

Ph.D., Departamento de Psicologia – Universidade Federal de Pernambuco (UFPE)

E-mail: roazzi@gmail.com

<https://orcid.org/0000-0001-6411-2763>

<http://lattes.cnpq.br/6108730498633062>

https://www.researchgate.net/profile/Antonio_Roazzi